



A UTILIZAÇÃO DE FILMES AO SE ESTUDAR O RELEVO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Pedro Henrique Gomes da Silva ¹
Bruno Ferreira ²

RESUMO

Este estudo analisa a utilização de filmes no ensino do relevo na Educação Básica, destacando suas potencialidades como recurso didático, pedagógico, crítico e reflexivo para o estudo de conceitos e aspectos da Geomorfologia, desde as formas de relevo até as dinâmicas, processos e interações do meio natural e antrópico. A formação do relevo é apresentada como resultado da interação entre fatores endógenos (tectônica de placas) e exógenos (clima, vento, gravidade, biodiversidade), além da ação humana. Diante dessa complexidade, a produção cinematográfica é adotada como meio de análise desses aspectos, por sua capacidade de retratar diferentes situações e cenários, reais e fictícios, que dialogam com a Geomorfologia. Essa escolha é respaldada pela Lei nº 13.006/2014, que torna obrigatória a utilização de obras nacionais no ensino, favorecendo o letramento cinematográfico, ampliando o repertório cultural dos estudantes e docentes e promovendo atividades dinâmicas com metodologias ativas, interdisciplinaridade e transversalidade. O roteiro metodológico baseou-se em uma análise teórica sobre a utilização de filmes como ferramenta educativa, com foco em como o audiovisual facilita a compreensão dos processos geomorfológicos e suas implicações socioambientais. São sugeridos filmes com aspectos como formação do relevo, dinâmicas fluviais, erosão e desastres naturais, que permitam discutir a influência humana e relacionar essas representações com vivências dos estudantes. Propõe-se o uso de práticas pedagógicas como debates, seminários e observações críticas sobre o relevo conhecido, comparando-o com outras porções da superfície terrestre. Recomenda-se uma utilização crítica do audiovisual, aliada a metodologias ativas, estimulando a curiosidade dos estudantes. As sessões devem incluir reflexões sobre a formação e conservação do relevo, questões ambientais, áreas de risco e geodiversidade, contribuindo para um Ensino de Geografia que valorize os elementos presentes nas paisagens.

INTRODUÇÃO

A Ciência Geográfica busca auxiliar no entendimento das formas e processos naturais e antrópicos que ocorrem no espaço, bem como os resultados das interações entre os seres humanos e os diferentes meios. Para isso, se divide nas grandes áreas da Geografia Física e Geografia Humana, com diferentes subáreas associadas. Porém, essas divisões ocorrem apenas para facilitar os estudos e a compreensão de diferentes elementos, processos e dinâmicas, visto que a compartimentação não resulta em análises próximas da realidade, uma vez que os diferentes eventos ocorrem no espaço, variando em escala e intensidade.

O relevo terrestre, objeto de estudo da Geomorfologia, uma das subáreas da Geografia Física, compreende o estudo das macro e micro formas representadas no espaço, com origem associada à tectônica de placas (fatores endógenos), e esculturação e desgaste como resultado

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, pedro.gomes@igdema.ufal.br;

² Professor orientador: Dr. em Geociências, Universidade Federal de Alagoas - UFAL, brunge2005@gmail.com;



da interação do clima, do vento, da gravidade e da biodiversidade (fatores exógenos), além da influência das atividades antrópicas. Desta forma, o relevo pode ser visto como o palco para o desenvolvimento da vida, processos, dinâmicas e atividades da sociedade.

A Geografia Escolar possui o ensino do relevo como componente curricular nas diferentes fases da Educação Básica, com sua abordagem realizada de acordo com os respectivos anos. Porém, apesar de sua importância e inserção no currículo escolar, muitos docentes possuem dificuldades em trabalhar a temática, seja por lacunas na formação ou pela perda de espaço do componente frente às recentes reformas educacionais. Associa-se a esses problemas, abordagens superficiais e/ou defasadas presentes em alguns livros didáticos.

A utilização de recursos didáticos e paradidáticos, quando bem executada, pode possibilitar a ampliação da aprendizagem, uma vez que apenas aulas expositivas não são o suficiente para romper com o ensino tradicional. Porém, associada ao emprego desses recursos, se faz necessária habilidade de curadoria, mediação e emprego de diferentes metodologias, para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de maneira diversificada e dinâmica, estimulando diferentes perspectivas acerca do conteúdo trabalhado.

A utilização de filmes como ferramenta educativa é uma possibilidade já conhecida e há muito tempo explorada pelos docentes, porém sua utilização ainda não é amplamente difundida ou feita de maneira sistemática. Para algumas pessoas, os filmes são vistos apenas como um recurso de entretenimento, sem potencial educativo ou para discutir ciência. Alguns docentes ainda enxergam os filmes como “tapa-buraco”, ou fazem o seu uso de maneira descontextualizada, sem roteiro prévio e como mera representação de um ou outro conceito científico. Assim, perpetuam-se percepções negativas ou ingênuas quanto a utilização de filmes na escola, e a assimilação de sua utilização como passatempo por alguns estudantes.

Diante do cenário apresentado, o presente estudo buscou investigar as potencialidades do uso de filmes como recurso pedagógico, didático, crítico e reflexivo para a compreensão dos processos geomorfológicos no ensino de relevo na Educação Básica, analisando a forma como os filmes podem representar processos geomorfológicos, como a formação do relevo, erosão e dinâmicas fluviais. Sugerindo atividades e dinâmicas a serem desenvolvidas com os estudantes, valorizando o uso de metodologias ativas, as quais promovam o letramento cinematográfico aliado à construção do conhecimento geográfico, estimulando o pensamento crítico e a interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e transversalidade.

O estudo do relevo apresenta-se como um dos temas mais complexos na Geografia Escolar, devido à abstração necessária para a compreensão de processos que ocorrem em uma escala de tempo e espaço muitas vezes alheia à realidade cotidiana dos estudantes. Nesse



contexto, o cinema emerge como uma possibilidade de ferramenta didática, pois permite a visualização e a simulação de fenômenos naturais, contribuindo para o engajamento e a compreensão dos conteúdos, além de possibilitar uma análise crítica de situações ao considerar as ações antrópicas.

O uso de filmes no Ensino de Geografia não apenas facilita a compreensão de processos naturais complexos, mas também pode tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas, além de ampliar o repertório cultural de docentes e estudantes. As metodologias ativas, quando associadas ao letramento cinematográfico, estimulam o pensamento crítico, a interpretação de fenômenos e a participação ativa dos estudantes. A interdisciplinaridade possibilitada pelos filmes permite conexões com outras disciplinas, enriquecendo a experiência de aprendizagem, através dos intercâmbios temáticos.

Uma das expectativas ao se propor a utilização de filmes, os quais retratam eventos naturais e suas consequências, é possibilidade de despertar nos estudantes a empatia e o senso de responsabilidade socioambiental. O entendimento sobre a dinâmica do relevo, a erosão dos solos, os desastres naturais e as áreas de risco são fundamentais para a formação de uma consciência ambiental crítica e cidadã. Essa abordagem incentiva o debate sobre sustentabilidade, preservação do meio ambiente e planejamento urbano, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados na solução de problemas socioambientais. Ademais, a utilização de filmes no ensino pode desmistificar a visão ingênua dos estudantes com relação ao cinema e as suas possibilidades de alcance nos roteiros executados.

METODOLOGIA

O estudo adotou uma abordagem qualitativa, centrada na análise e discussão teórica sobre o potencial de uso de filmes no ensino do relevo na Educação Básica. Essa metodologia é alinhada com os objetivos de compreender e interpretar como o audiovisual pode facilitar a assimilação de processos geomorfológicos. A sequência foi baseada em levantamentos bibliográficos, métodos indutivos, dialéticos e hipotético-dedutivos descritos por Marconi e Lakatos (2003), além de se alinhar aos princípios da BNCC (2018) e à Lei nº 13.006/2014.

Entre os métodos de abordagem, destaca-se o método indutivo, que, conforme descrito por Marconi e Lakatos (2003), parte de casos particulares para a formulação de generalizações. No contexto deste estudo, aplicado ao uso de filmes que retratam processos geomorfológicos e permitem a observação de situações específicas, e a subsequente generalização para uma compreensão mais ampla do relevo terrestre. Outro método relevante



é o dialético, que, segundo as autoras, considera as manifestações em constante transformação e interdependência, possibilitando a análise das interações entre o meio natural e o meio antrópico. No ensino de Geografia, essa abordagem permite aos alunos compreenderem como as ações humanas influenciam e são influenciadas pelo meio.

O método hipotético-dedutivo também foi considerado, especialmente na formulação de hipóteses sobre o impacto do uso de filmes na aprendizagem. Este método envolve a formulação de uma hipótese, seguida de sua dedução e teste por meio de atividades pedagógicas, como debates e observação crítica, para verificar sua validade. A aplicação dessas atividades visa confrontar o conhecimento prévio dos estudantes com as informações apresentadas pelos filmes, permitindo uma reflexão sobre os processos geomorfológicos. Além disso, o estudo incorporou elementos da BNCC (2018) e da Lei nº 13.006/2014, que incentiva o uso de obras audiovisuais na educação básica, reforçando a legitimidade do uso do cinema como recurso pedagógico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para se estudar o relevo considera-se “a estrutura, a origem, a natureza das rochas, o clima regional e as forças endógenas e exógenas” (Assis; Oliveira; Nascimento, 2021, p. 39), além das atividades antrópicas desenvolvidas sobre o mesmo. Porém, não basta apenas um estudo desassociado e descontextualizado da realidade vivida pelos estudantes, é preciso fazer conexões para que estes possam ler criticamente sua realidade e entender como “o relevo está associado às mais diversas atividades humanas (transporte, agricultura, moradia, etc.)” (Lopes; Ribeiro, 2023, p. 2).

Esta aproximação com a realidade dos estudantes, sobretudo em espaços urbanos, é importante para desconstruir a ideia de que só existe relevo no espaço natural ou rural (Lopes; Ribeiro, 2023), cenário comum no imaginário coletivo. Por vezes, até mesmo assumindo que a categoria geográfica paisagem é sinônimo apenas de paisagem natural, bela e/ou rural. Alguns livros didáticos reforçam essas ideias ao representar o relevo apenas em paisagens naturais, sem fazer menção ou representação do recorte urbano.

Felizmente, há muitas possibilidades para trabalhar o componente, como a utilização de protótipos e maquetes (modelos tridimensionais), do Google Earth (imagens de satélite), realização de trabalhos de campo, estudo *in loco*, jogos, filmes (audiovisual) e (novas) tecnologias digitais da informação e comunicação - TDICs, incentivadas pela BNCC (2018),



como *Augmented Reality Sandbox – ARS* (Caixa de Areia de Realidade Aumentada) que permite a participação ativa dos estudantes (Batista, Santos, Costa, 2020).

Além de se preocupar com os recursos utilizados, considerando as possibilidades permitidas pela realidade escolar, a metodologia também deve ser uma preocupação dos docentes, pois “um dos desafios colocados para os professores nos dias de hoje está em superar os vícios de uma educação estática, inerte e ineficaz, investindo em uma educação com mais qualidade e criatividade” (Castellar, 2010, p. 39). Assim, pensar outras perspectivas de ensino-aprendizagem torna-se uma necessidade.

As metodologias ativas são uma forma de dinamizar e diversificar o processo de ensino-aprendizagem, valorizando as múltiplas inteligências existentes (Gardner, 1994). O emprego de tais metodologias varia de acordo com os objetivos do ensino, das habilidades que busca-se desenvolver e das possibilidades de trabalho dos recursos didáticos e/ou paradidáticos, sendo possível associar diferentes metodologias, tornando as práticas educativas ainda mais interessantes. Alguns exemplos de metodologias ativas que podem ser empregadas no estudo do relevo são os mapas conceituais, aprendizagem baseada em problemas (ABP), grupos de verbalização e observação (GV/GO) (Santos, 2019), dentre outras como gamificação, aprendizagem baseada em equipes (ABE) e debates.

A utilização de obras audiovisuais como ferramenta educativa, especialmente os filmes, abre um leque de possibilidades para o ensino-aprendizagem, além de poder alinhar-se ao cumprimento da Lei nº 13.006 de 26 de junho de 2014, que torna obrigatória a exibição de filmes nacionais na educação básica por no mínimo duas horas mensais (Brasil, 2014). Embora seja mais comum a utilização de filmes para tratar de questões da Geografia Humana, estes também possuem potencial para tratar de questões da Geografia Física e devem ser aproveitados pelos docentes.

A curadoria dos filmes também deve ser uma preocupação dos professores, indo além da constatação da representação de conceitos e características físico-naturais, é imprescindível se atentar as possibilidades de relacionar com a sociedade, bem como, as intencionalidades e visão política dos filmes, prezando pela utilização de obras alinhadas e atualizadas com as ideias defendidas pelos direitos humanos (Guerreiro, 2023), promovendo, de fato, um letramento cinematográfico, pois “ler um filme geograficamente é, portanto, mais do que procurar nele conteúdos comumente trabalhados por geógrafos. É entendê-lo como dotado de geograficidade, sua espacialidade e tentar entender seus significados” (Bluwol, 2008, p. 2). Ademais, de acordo com Junior, Nunes e Girardi (2021), a produção de obras audiovisuais



dentro das escolas também deve ser tida como uma perspectiva, possibilitando outras formas de fazer cinema em diálogo com as realidades vivenciadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alguns exemplos de filmes que podem ser utilizados para o ensino do relevo e processos associados ao seu desgaste, esculturação e/ou formação são “A Era do Gelo” (2002), “O Caminho das Nuvens” (2003), “O Desmonte do Monte” (2018), “O Lorax: Em Busca da Trúfula Perdida” (2012) e “O Território” (2022). Possibilitando discutir as temáticas sob diferentes perspectivas e o desenvolvimento de diferentes atividades. “A Era do Gelo” foi dirigida por Chris Wedge e Carlos Saldanha, onde um grupo de mamíferos pleistocênicos tenta devolver um bebê humano para sua família em meio uma mudança climática. A partir da animação é possível observar o relevo glacial e sofrendo com as mudanças climáticas.

Por se tratar de uma ficção, alguns processos são retratados de forma exagerada, como resultado da liberdade poética para a elevação dramática da trama, assim, é preciso uma leitura crítica dos acontecimentos, possível através do letramento geográfico e cinematográfico. Algumas questões que podem ser discutidas a partir da animação são: como o gelo influencia a erosão e a formação de vales? Que tipos de formações geomorfológicas são mais evidentes no filme? Como a fauna e a flora são afetadas pelas mudanças climáticas e do relevo? Como o derretimento das calotas polares poderia impactar o relevo atual? Quais processos externos (intemperismo, erosão) são observados no filme?

“O Caminho das Nuvens” (2003) é um drama dirigido por Vincente Amorim, que acompanha um casal e seus cinco filhos que viajam de bicicleta da Paraíba ao Rio de Janeiro em busca de emprego, atravessando diversos tipos de relevo e obstáculos sociais pelo caminho. É possível observar diferentes paisagens com formações geológicas, a adaptação humana e as implicações na mobilidade e economia.

“O Desmonte do Monte” (2018) é um documentário dirigido por Sinai Sganzerla, que retrata a demolição do Morro do Castelo, um importante complexo habitacional de importância histórica e arquitetônica, sob o pretexto de “higienização” do Rio de Janeiro. É possível observar os impactos da urbanização sobre o relevo e as consequências ambientais da degradação derivada da ocupação desordenada das encostas.

“O Lorax: Em Busca da Trúfula Perdida” (2012) é uma animação dirigida por Chris Renaud e Kyle Balda, que acompanha a jornada de Ted, um garoto que vive em um local onde as árvores naturais não existem mais, em busca de uma árvore natural para impressionar



a garota por quem é apaixonado. É possível observar os impactos do desmatamento no relevo, no solo, e também os impactos da exploração de recursos naturais.

“O Território” (2022) é um documentário dirigido por Alex Pritz, que aborda a luta do povo Uru-eu-wau-wau contra o desmatamento e a exploração ilegal de terras por fazendeiros e posseiros na Amazônia Brasileira. É possível observar o desmatamento na floresta e a acentuação de processos erosivos, bem como o papel das comunidades tradicionais na preservação do solo e da floresta, abordando diversos temas ligados a processos de ocupação e uso das terras da floresta.

Como exposto, todos os filmes sugeridos possibilitam trabalhar o relevo e temáticas associadas, como erosão, dinâmica fluvial, mudanças climáticas, dentre outras. Para além dos componentes físico-naturais, os filmes também permitem relacionar questões humanas, como ocupação e uso dos solos, importantes para entender o papel humano e os impactos ocasionados, além de representar diferentes grupos sociais em perspectivas que dialogam com o cinema afirmativo (Guerreiro, 2024).

Os filmes “O Caminho das Nuvens” (2003), “O Desmonte do Monte” (2018) e “O Território” (2022) alinham-se à Lei nº 13.006/2014 por tratarem-se de obras nacionais, atuando para a ampliação do repertório cultural dos estudantes para além de produções hollywoodianas e dos circuitos comerciais do cinema, as quais são amplamente distribuídas nos cinemas de shopping (Silva; Peres, 2024). Ademais, a adoção de obras do audiovisual brasileiro também fortalecem a cultura e o mercado interno (ANCINE, 2014).

Todas as obras aqui apresentadas possibilitam trabalhar as metodologias ativas, de diversas maneiras, das mais simples às mais complexas, adaptadas de acordo com a realidade escolar. Podem ser realizados debates, análises roteirizadas ou formação de grupos de verbalização e observação (GV/GO) para discutir as temáticas abordadas (Santos, 2019). Também é possível pedir que os estudantes elaborem soluções para problemas apresentados nos filmes (ABP), individualmente ou em equipes (ABE), com a possibilidade de rotação por estações para solucionar mais de um problema específico (Santos, 2019).

Outra metodologia pode ser a utilização é a de júri simulado, onde os estudantes podem interpretar personagens ou representar grupos com pontos de vista divergentes sobre situações do filme (Santos, 2019). Também é possível desconstruir representações científicas representadas erroneamente ou de forma exagerada, com possibilidade de produzir pequenos vídeos informativos para publicar em redes sociais. Esta última metodologia pode proporcionar o conhecimento científico e letramento cinematográfico além dos muros da escola, associada ao uso das TDICs por estudantes. Alinhada à ideia de produção de filmes no



espaço escolar, defendida por Junior, Nunes e Girardi (2021), a exemplo da produção de um curta-metragem com a utilização de protótipos de uma situação evolutiva do relevo poderia ser desenvolvido, associado a técnica de *stop motion*, por exemplo.

Apesar da possibilidade de cenários positivos discutidos, o emprego de filmes no ensino não deve ser sempre visto como “positivo, inovador, diferencial, sensível, crítico e libertário” (Freitas, Coutinho, 2013, p. 479), é preciso se atentar as nuances discutidas. O mesmo deve ser considerado com relação ao uso de metodologias ativas, sendo necessário garantir que essas estratégias estejam alinhadas com os objetivos educacionais e com a realidade dos alunos, evitando a superficialidade no uso das metodologias e tecnologias apenas por serem modernas (Libâneo, 2022). Porém, quando realizada de maneira adequada, a utilização de filmes pode ajudar a superar o ensino tradicional e/ou abordagens defasadas, presentes em alguns livros didáticos, sobretudo no contexto da Lei nº 13.415 que instituiu o Novo Ensino Médio - NEM, como discutido por Silva e Ferreira (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de filmes no ensino do relevo na Educação Básica se apresenta como uma estratégia didática capaz de potencializar a compreensão dos processos geomorfológicos, superando as limitações das abordagens tradicionais. Ao possibilitar a visualização de fenômenos naturais complexos e sua interação com a dinâmica antrópica, o cinema emerge como uma ferramenta significativa para o engajamento e o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes.

Neste estudo, evidenciou-se que a incorporação de metodologias ativas, aliadas ao letramento cinematográfico, pode favorecer a participação mais efetiva dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Essa abordagem contribui não apenas para a compreensão do conteúdo geográfico, mas também para o desenvolvimento de habilidades interpessoais, como o debate, a argumentação e a reflexão crítica sobre questões socioambientais.

A interdisciplinaridade proporcionada pelo uso de filmes deve ampliar as possibilidades de conexão com outras áreas do conhecimento, enriquecendo a experiência educativa e fomentando a formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos com a sustentabilidade e a justiça socioambiental. Além disso, o uso do cinema no ensino do relevo contribui para o rompimento de estereótipos associados ao uso do audiovisual na escola, demonstrando que o entretenimento e o aprendizado podem coexistir de forma produtiva.



Entretanto, o sucesso dessa estratégia depende diretamente da curadoria adequada dos filmes, do planejamento pedagógico e da mediação do professor, elementos essenciais para garantir que o uso do cinema transcenda a simples ilustração de conceitos. O compromisso com uma abordagem crítica e contextualizada é fundamental para que o cinema se consolide como um recurso pedagógico significativo. Desse modo, espera-se que este estudo contribua e estimule no debate acerca de metodologias inovadoras no Ensino de Geografia, bem como incentivar a curiosidade por novas vivências, aplicações e estudos nessa temática.

Palavras-chave: Ensino de Geomorfologia; Geografia Escolar; Filmes; Práticas Pedagógicas.

AGRADECIMENTOS

Os autores prestam seus agradecimentos ao Laboratório de Geologia – LabGeo e ao Grupo de Estudos do Quaternário do Nordeste do Brasil – NEQuat do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente – IGDema da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

REFERÊNCIAS

ANCINE. **Plano de diretrizes e metas para o audiovisual:** o Brasil de todos os olhares para todas as telas. Rio de Janeiro: Agência Nacional do Cinema, 2013.

ASSIS, J. S. de; OLIVEIRA, A. L. A. de; NASCIMENTO, M. C. do. Recursos da Natureza. *In:* _____. **Novo Atlas Escolar Alagoas:** estudo geo-histórico e cultural. Maceió: M Veras, 2021.

BATISTA, D. C. L.; SANTOS, M. S. C. dos; COSTA, S. A. da. Simulador de Relevo Para o Ensino de Geografia Física no Ensino Médio. *In:* **Anais do X Fórum Nacional NEPEG de Formação de Professores de Geografia.**

BLUWOL, D. Z. **Uma Geografia do Cinema:** imagens do urbano. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014.** Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para tornar obrigatória a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 27 jun. 2014.



BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Dispõe sobre a reforma do ensino médio brasileiro. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 17 fev. 2017.

CASTELLAR, S. M. V. Educação Geográfica: formação e didática. *In*: MORAIS, E. M. B.; MORAES, L. B. (org.). **Formação de Professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia.** Goiânia: Editora Vieira, 2010. p. 39–58.

FREITAS, A. de; COUTINHO, K. D. Cinema e Educação: o que pode o cinema? **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 477–502, jul. 2013.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas.** 18 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GUERREIRO, A. S. Cinema Afirmativo: alteridade, educação e direitos humanos. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 31, n. 2, p. 190–205, jan. 2024.

LIBÂNEO, J. C. Metodologias Ativas: a quem servem? nos servem? *In*: LIBÂNEO, J. C.; ROSA, S. V. L.; ECHALAR, A. D. L. F.; SUANNO, M. V. R. (org.). **Didática e Formação de Professores: embates com as políticas curriculares neoliberais.** Goiânia: Cegraf UFG, 2022. p. 38–46.

LOPES, V. M.; RIBEIRO, S. C. A Etnogeomorfologia no Ensino do Relevo na Educação Básica. *In*: **Anais do XII SINAGEO – Paisagem e Geodiversidade: a valorização do patrimônio geomorfológico brasileiro.** 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M. de; NUNES, F. G.; GIRARDI, G. As Telas da Escola: cinema e professores de Geografia, perguntas e reflexões em torno de uma pesquisa. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 293–314, maio 2021.

SANTOS, T. da S. **Metodologias Ativas de Ensino-aprendizagem.** Olinda: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Olinda, 2019.

SILVA, P. H. G. da; FERREIRA, B. O Ensino do Relevo no Novo Ensino Médio: metodologias, reflexões e análises. *In*: **Anais do XX SBGFA – Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada & IV ELAAGFA – Encontro Luso-Afro-Americano de Geografia Física e Ambiente.** Campina Grande: Realize Editora, 2024.